

Editorial

Prezados leitores, prezadas leitoras:

Mais um ciclo começa: a partir do próximo número, a revista **Educação** circula apenas em versão eletrônica. Há quem prefira e comemore, há quem desgoste e reclame, há quem nem leve isso em consideração. Nós sabemos bem o que é colecionar os exemplares na estante, percorrer as lombadas em busca do número que queremos, identificando as diferentes fases pelas quais passou a revista só pelo formato e pelo *layout* da editoração. Agora, esse fica sendo um privilégio dos colecionadores e frequentadores de algumas bibliotecas. Daqui para diante, os mecanismos de busca são os indexadores eletrônicos em bancos de dados e sistemas de informação que remetem, em resposta a um simples clique, ao artigo buscado.

Em 31 de março de 1978, veio à luz o nosso número um, o primeiro caderno **Educação** – que só veio a se tornar “revista” a partir do número nove, em 1985. Naquele momento, tendo a professora Delcia Enricone na coordenação do Curso de Mestrado (ainda não éramos Programa de Pós-Graduação em Educação), o Irmão Faustino João, então diretor da Faculdade de Educação, professava: “O 1º número dos Cadernos sai das mãos de seus autores cheio de esperanças, indicando rumos para a Educação de nosso país, nessa encruzilhada de caminhos e de filosofias”.

Desde lá, nesses 37 anos, temos apostado na construção de um veículo que vai além da divulgação acadêmica. Nosso investimento tem sido em uma revista que se construiu e se consolidou como uma referência para muitos pesquisadores, estudantes e educadores, brasileiros e estrangeiros. Inauguramos polêmicas, socializamos ideias, apresentamos teorias, relatamos pesquisas, debatemos, discutimos, propusemos, questionamos, enfim: ocupamos um lugar bem marcante na história recente da educação. Continuamos cheios de esperanças, indicando rumos para a educação contemporânea e ainda consideramos que nosso tempo é o de uma encruzilhada de caminhos e de filosofias.

Naquele primeiro número, ouvimos a voz de inestimáveis colegas, indo da apresentação do Irmão Faustino João aos artigos dos professores Egidio Francisco Schmitz, Izabella Kertész, Berta Weil Ferreira, Lídice Frões Rodrigues, Marlene Grillo, Delcia Enricone, Ernesto Daniel Stefani, Maria Emília Amaral Engers, Fernando Lang da Silveira e Alba Maria Souza Heineck. Alguns deles não se encontram mais conosco, mas suas ideias perduram, impressas no papel e no pensamento de quem com eles teve a oportunidade de conviver ou seus textos teve a oportunidade de ler. Outros, por felicidade nossa, ainda circulam entre nós e, além de ler e estudar seus artigos, podemos abraçar e escutar, em situações do dia a dia ou em eventos acadêmicos e científicos.

Da mesma forma como hoje a eles somos tributários desses ensinamentos e deles trazemos muitas marcas de aprendizagens, é nosso desejo que nossos leitores sejam tocados pelas ideias e proposições veiculadas em nossa revista. Queremos que todos levem adiante e ajudem a proliferar as marcas das aprendizagens desdobradas da leitura das mais de 80 edições publicadas até agora – entre cadernos, volumes e números, regulares e especiais.

Nunca nos furtamos de assumir posições, de defender ideias e apresentar proposições. Mas sempre estivemos ao lado da pluralidade, assegurando que diferentes matizes e distintos pontos de vista tivessem lugar em nossas páginas. Acreditamos que a democracia se caracteriza pela pluralidade do debate, pelo respeito à diferença, pelo entendimento da plausibilidade das ideias alheias e pela aceitação de toda ideia razoável que, de alguma maneira, esteja a favor da construção de um mundo mais justo, mais honesto e mais heterogêneo.

O desafio que continua posto em nosso caminho é o de lidar com essas encruzilhadas de caminhos e de filosofias, já que, sabidamente, modelos utópicos – que vão da Paz Perpétua postulada por Kant

à Sociedade dos Povos postulada por Rawls – não dão conta de abrigar as tensões dissimuladas ou exacerbadas entre o crescente número de grupos que, em nome da democracia e dos direitos universais, resvala para atitudes intolerantes e fundamentalistas com a naturalidade de quem escolhe o sabor do sorvete que come ou a cor da roupa que veste.

Talvez, mais razoável seja recorrer a Arendt e Agamben e pretender a revista como um espaço que vai além da defesa dos direitos do indivíduo e se destaca pela abertura ao debate a favor dos direitos humanos. Um periódico científico deve estar comprometido com a viabilização de estratégias que ajudem a superar a indistinção e a exclusão, reconhecendo o outro e por ele sendo reconhecido pela sua/nossa condição de interlocutor válido.

Se a hierarquia é inevitável, se não pudermos escapar de *rankings* e escalas que insistem em estabelecer, a sujeitos, países e instituições, posições de superioridade e inferioridade, que ao menos sejamos capazes de arrancar o véu da dissimulação que recobre as intenções e os critérios de quem as estabelece. E que tenhamos condições de assumir a contingência e a relatividade de cada posição – a nossa, a do outro, a de qualquer um, a de todos, a de cada um. Que saibamos reconhecer os limites e a pequenez dos nossos juízos, assumindo a responsabilidade pelas implicações e pelas consequências do que pensamos, dizemos e fazemos.

Uma revista científica, um periódico acadêmico, tem por objetivo a tarefa de contribuir com a produção das condições necessárias e de possibilidade para que se alcance o discernimento. Como nos ensina Gadamer, cabe à razão prática discernir, escolhendo os justos meios para alcançar o melhor, a ponderação razoável sobre o agir e a autonomia da consciência que se interroga sobre o bem e sobre o mal.

Impressa em papel ou disponível em meio eletrônico, que a revista **Educação** sempre tenha a virtude de facultar aos seus leitores um conjunto de ideias que, amadurecidas e somadas, favoreçam, como nos diz o Irmão Faustino João naquela mesma já citada apresentação, “a vivência dos problemas e a abertura de soluções”.

Porto Alegre, dezembro de 2015

MARCOS VILLELA PEREIRA
Editor